
ANEXO A – ORIGINAL

O Projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano – Fase 3:* critérios de constituição e da amostragem do banco de dados

*Silvana Silva de Farias Araujo
Norma Lucia Fernandes de Almeida*

Introdução

O projeto de pesquisa *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* foi implementado no ano de 1996 (embora só tenha sido oficializado em 1998), na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, sob a coordenação das professoras Norma Almeida e Zenaide Carneiro. Inicialmente, as atividades do projeto centraram-se na formação de *corpora* gravados em comunidades rurais da região semiárida baiana. A gravação desse material começou em 1996 e estendeu-se até o ano de 2001, tendo sido contempladas comunidades localizadas em diferentes regiões sertanejas da Bahia. O critério utilizado para a realização da coleta de dados foi o de que as localidades apresentassem formações sócio-histórico-demográficas diferenciadas, fazendo parte, principalmente, de dois importantes fatores do processo de urbanização do interior do estado (ALMEIDA; CARNEIRO, 1999), a saber, os chamados ciclos da **agropecuária**, cujas origens remontam aos séculos XVII a XIX – Jeremoabo e Feira de Santana –, e da **mineração**, com origens mais densamente vinculadas ao século XVIII – Rio de Contas e Caém. Esse *corpus* foi publicado, com o apoio da **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB**, por Almeida e Carneiro

(2008), e diversas análises linguísticas vêm sendo realizadas, mesmo antes da publicação, já tendo servido como base empírica para artigos, monografias, dissertações e tese de doutorado (ALMEIDA; CARNEIRO, 2014).

No ano de 2007, o projeto entrou numa nova fase, denominada *Fase 3*, quando as atenções voltaram-se para a zona urbana de Feira de Santana/BA. Após já ter se delineado um quadro do português rural falado em comunidades rurais baianas, cabia aos pesquisadores do projeto a desafiadora e necessária tarefa de procurar traçar uma descrição sociolinguística do português falado em uma cidade tão múltipla como Feira de Santana. Iniciaram-se, assim, naquele ano, novamente com o apoio da UEFS e da FAPESB, as gravações na sede do município, que é o segundo do estado da Bahia em termos populacionais, ficando atrás apenas da capital. Para essa nova etapa, o projeto contou com a coordenação de mais duas professoras, Eliana Pitombo e Silvana Araujo, além da colaboração de voluntários e de dez bolsistas de Iniciação Científica. É sobre essa fase do projeto que se discorre neste texto.

1 FEIRA DE SANTANA: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-HISTÓRICO-DEMOGRÁFICAS

Na denominação do município, distante 108 km de Salvador, já subjaz muito das suas principais características. A palavra “Feira” remete à questão da diversidade, do conglomerado, do movimento, do colorido, do som, da circulação. Foi uma feira livre que proporcionou à *Feira de Santana*, ou simplesmente à *Feira* (como é comumente chamada), a ser o que é.

Talvez por sua localização singular, de fácil acesso, encontrando-se num dos principais entroncamentos de rodovias do norte-nordeste brasileiro, Feira de Santana reuniu conjunturas para vir a tornar-se a complexa cidade que é, com um “caldeirão demográfico” e com a presença de tantos contatos dialetais, como ocorre em poucas cidades interioranas do Brasil. Na sede do município, no seu perímetro urbano, passam as rodovias BR 116 (Norte e Sul) e BR 324, enquanto no distrito de Humildes¹ passa a BR 101. A figura 1 mostra a localização de municípios circunvizinhos e de distritos, além do sítio da sede do município, circunscrita pelo Anel de Contorno. Devido à expansão imobiliária, acelerada

¹ O município de Feira de Santana está dividido em bairros (na sede) e em distritos, esses últimos em número de oito: Bonfim de Feira, Governador João Durval Carneiro (antigamente, denominado Ipuacu), Humildes, Jaquara, Jaíba, Maria Quitéria (antigamente, São José das Itapororocas), Matinha e Tiquaruçu. Matinha, antigo povoado do distrito de São José das Itapororocas, antigamente denominado Matinha dos Pretos, passou a ser considerado distrito de Feira de Santana a partir de 2008, com o Decreto nº 7.462, de 21 de fevereiro de 2008.

nas últimas cinco décadas, há muitos bairros para além do Anel de Contorno de Feira de Santana.

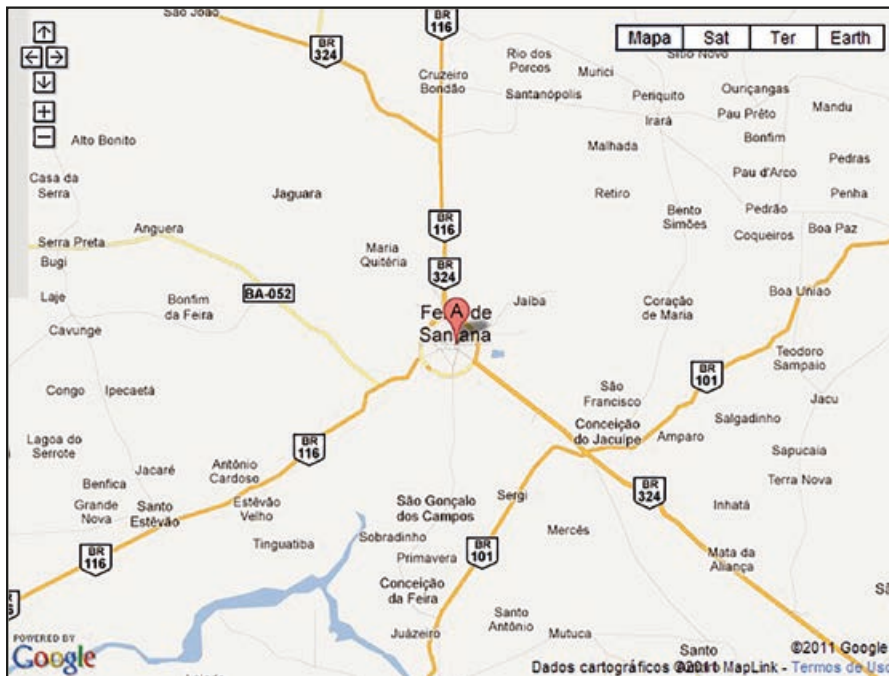


Figura 1 – Representação espacial do Município de Feira de Santana. Fonte: Disponível em: <http://maps.google.com>. Acesso em 24. out. 2011.

Diante dessas características espaciais, é muito comum pessoas de todas as regiões do Brasil terem ouvido falar ou já terem passado pelo município. No âmbito do estado da Bahia, os municípios circunvizinhos mantêm estreitas relações com Feira de Santana, estando os seus moradores em frequentes contatos entre si, alguns trabalhando e morando em cidades vizinhas, recorrendo à Feira de Santana quando precisam de serviços médicos, educacionais, comerciais e de lazer especializados.

Geograficamente, Feira de Santana localiza-se numa zona de transição entre o Recôncavo e o Semiárido, precisamente no agreste baiano², embora seja conhecida por “Princesa do Sertão”, alcunha conferida por Ruy Barbosa quando de sua visita à cidade no ano de 1919. Embora não seja o foco deste texto, é preciso destacar que essa posição geográfica também reveste de especial interesse para

² Segundo Santos e Pinho (2003, p. 73), tradicionalmente “agreste” significa uma zona de transição entre a faixa litorânea e a zona semiárida. Atualmente, os estudiosos do assunto não fazem distinção conceitual entre agreste e semiárido, adotando unicamente a denominação semiárido.

o estudo do município em seus aspectos linguísticos. A figura 2 aponta a posição intermediária de Feira (**localizada na chamada *Região do Paraguáçu***), a meio caminho entre o Recôncavo – “o litoral acessível mais próximo”, na expressão de Neves (2008) – e o Sertão, funcionando como um portal para a região sertão/semiárida, algo que pode significar uma riqueza em suas normas linguísticas, vindo a abrigar características peculiares dos falares do interior e do litoral.

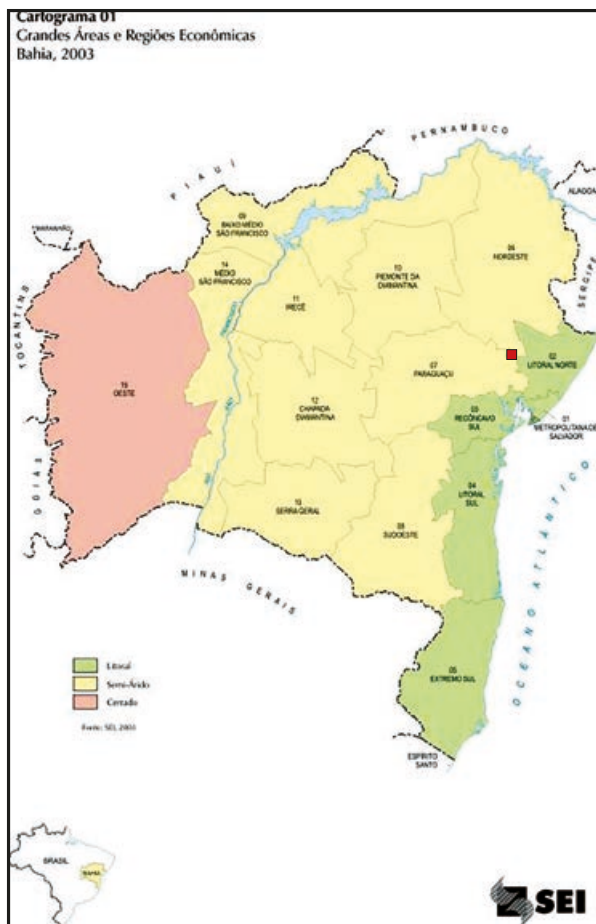


Figura 2 – Quinze regiões econômicas da Bahia. FONTE: SEI, 2003.

Vale destacar que, Silva Neto (1963 [1950]), ao tratar do período de formação do português brasileiro, traçou uma distinção ainda válida entre a língua da costa e a do interior (ARAÚJO; ARAÚJO, 2009; ARAÚJO, 2014), considerando-se a situação bipolarizada do seu contexto de formação, sobre a qual se explanará ainda neste texto.

A respeito da situação sócio-história do município de Feira de Santana, pode-se presumir uma situação de contatos linguísticos e culturais diversos. Houve uma intensa atividade pecuária e comercial que propiciou um apurado tráfego de pessoas pelo sítio geográfico da cidade, destacando-se a figura do vaqueiro, certamente de origem indígena ou africana (negros libertos integrados nas relações socioeconômicas), ou, ainda, portuguesa de origem não nobre.³ A propósito, destaca-se que, já nas suas origens, no final do século XVII⁴, Feira de Santana caracterizava-se por ser um lugar de passagem de viajantes, vaqueiros e tropeiros, pois, no seu território atual, estava a *Estrada das boiadas*, por onde eram conduzidos animais comercializados em Cachoeira, Santo Amaro e Salvador.

Tal contexto sócio-histórico, demográfico e econômico sugere uma realidade linguística polarizada no período de formação da variedade linguística feirense, tal como foi esboçada por Silva Neto (1963 [1950]) e sistematizada por Lucchesi (1994, 2001, entre outros) no que tange ao processo de formação do português brasileiro. Essa bipolarização pode ser associada às diferentes culturas em contato, destacando-se o contato entre as línguas dos indígenas, as dos escravos africanos e a do colonizador branco. No município, de um lado, havia fazendeiros, comerciantes, representantes da Igreja e do Estado e militares graduados, subordinados aos modelos advindos de Portugal; do outro, vaqueiros, roceiros, meeiros e escravos, que adquiriram o português como língua materna a partir de um modelo adquirido como segunda língua por seus pais e livre de normatizações.

Embora, como bem destacou Silva (2011, p. 19), os estudos sobre a escravidão na região semiárida da Bahia ainda careçam de maior atenção, há estudiosos, entre os quais Poppino (1968), que citam a presença de negros fugidios no sertão, que teriam formado pequenos quilombos em suas matas, ou alguns poucos escravos que trabalharam na elementar agricultura (pois, no sertão, mais se desenvolvera a atividade pecuária). Sobre essa questão, o entendimento que se sustenta neste texto é o de que a maior concentração de escravos no município de Feira de Santana deva ter se dado mais a partir do século XIX, com a plantação de lavouras de algodão e também com o recebimento de muitos

³ Acredita-se ser mais seguro afirmar que, pelo menos até o início do século XVII, os vaqueiros tinham uma origem indígena, pelo fato de os índios possuírem mais habilidades em embrenhar-se pelos caminhos do sertão. Após esse período, os vaqueiros deveriam ser mestiços, com ascendência indígena, negra ou mesmo branca.

⁴ No final do século XVII, o português João Peixoto Viegas se estabeleceu no atual distrito de Maria Quitéria (GALVÃO, 1982).

ex-escravos que vieram trabalhar na região. Nesse período de final do século XIX e início do XX, há de também se considerar que muitos brancos e mestiços migraram para Feira de Santana para trabalharem na cidade, que, a essa altura, já delineava sua forte vocação: a de ser um polo comercial, **consolidando-se como “um empório do sertão”, denominação atribuída comumente por jornalistas da época, conforme informa Oliveira (2000, p. 9).**

Tendo o município prosperado muito, saindo da condição de uma “singela” feira de gado e transformando-se numa cidade com características de cidades desenvolvidas/modernizadas, houve muitas alterações no seu quadro populacional, principalmente a partir das primeiras cinco décadas do século XX. Poppino (1968), dado o rápido desenvolvimento urbano do Município, chama atenção para o fato de Feira de Santana ter prosperado, em menos de um século e meio; crescimento acelerado que, por sua vez, teria acontecido também em outras cidades do Brasil a partir do século XIX. Mas, para o autor, o caso de Feira de Santana é singular, dado que a Bahia estava justamente em declínio, em comparação ao que houve nos áureos tempos do período colonial. Para o autor, são notáveis as forças políticas, econômicas e sociais que impulsionaram o extraordinário desenvolvimento em Feira de Santana.

Assim, essa característica atrativa de Feira de Sanrana intensificou-se a partir das primeiras décadas no século XX, tendo atraído, inclusive, muitos migrantes nordestinos que se instalaram na cidade para atuarem no comércio, como, aliás, pode ser aferido pelos nomes de pioneiras lojas do comércio local, como *A Cearense*, *Sobral*, entre outras.

No século XXI, Feira de Santana continua a atrair pessoas, não só da circunvizinhança mas de outros estados, para trabalharem em suas indústrias. Após a Segunda Guerra Mundial, a cidade congregou mais motivos para aumentar o desenvolvimento de indústrias na região, principalmente pelo aumento comercial, entre os anos de 1940 e 1950, em virtude do crescimento da população, do progresso dos transportes e da dificuldade de importação de produtos (POPPINO, 1968).